

O SURGIMENTO DE UMA NOVA SEGREGAÇÃO EM BELÉM (PA). O AUMENTO DA VIOLÊNCIA E A BUSCA POR ENCLAVES FORTIFICADOS.

Garvão, Rodrigo Fraga¹

RESUMO

O presente artigo faz uma análise de um novo surgimento de segregação habitacional em Belém devido ao aumento da violência em determinadas regiões. O déficit da segurança pública relacionada a fatores determinantes para esta segregação. Como em outras áreas observa-se a inserção direta e indireta do indivíduo na mudança sócio espacial de Belém, e o surgimento e solidificação dos enclaves fortificados.

Palavras chave: segregação, violência, enclaves fortificados, Belém.

ABSTRACT

This article analyzes the emergence of a new housing segregation in Belém because of increasing violence in certain regions. The deficit of public safety-related determinants for this segregation factors. As in other areas there is direct and indirect individual insertion in socio-spatial change of Belém, and the emergence and solidification of fortified enclaves.

Keywords: segregation, violence, fortified enclaves, Belém

¹ Especialista em Desenvolvimento Humano – FGV
Mestrando em Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente – UNAMA
rodrigofragabh@gmail.com

O SURGIMENTO DE UMA NOVA SEGREGAÇÃO EM BELÉM (PA). O AUMENTO DA VIOLÊNCIA E A BUSCA POR ENCLAVES FORTIFICADOS

Este capítulo propõe um marco analítico e conceitual para a análise dos efeitos que a segregação habitacional socioeconômica tem sobre diversas análises individuais desses indivíduos que vivem em áreas segregadas.

Cada vez mais Belém (PA) é lugar de atuação dos agentes de produção do espaço, uma vez humanizados, esses espaços refletem na arquitetura da cidade e em sua organização, nos padrões de desenvolvimento da complexidade das relações humanas. Este processo ocorre por meio da segregação sócio-espacial, também denominada segregação residencial, principalmente por meio da diferenciação econômica dos belemenses.

Morar em um bairro periférico ou de classe rentável baixa significa muito mais do que ser ou estar segregado, significa ter oportunidades desiguais, em níveis sociais, econômicos, culturais e hoje mais do que nunca, em outro nível de segurança pública.

Fundada em 1616, Belém experimentou o apogeu da urbanização durante a fase áurea da borracha que intensificou a renovação estética da cidade com a limpeza urbana, a pavimentação das ruas e a construção de jardins e praças. Belém inseriu-se no contexto do século XX com uma das melhores infraestruturas urbanas do País e terminou o século enfrentando problemas de segurança pública saneamento básico, caos no trânsito, desemprego crescente e em destaque a ocupação desordenada da área urbana.

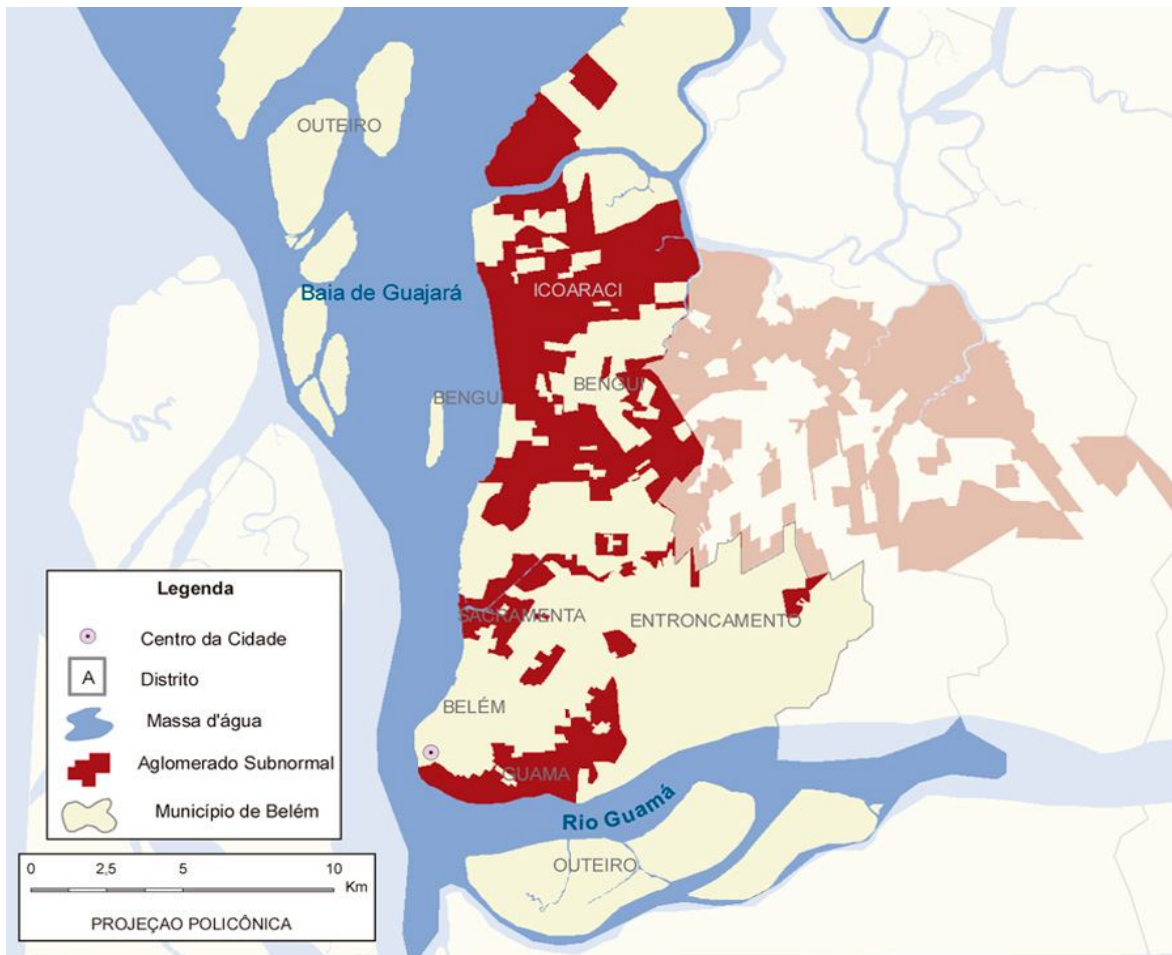
A cidade de Belém passa, em tempos atuais, por um significativo processo de reconfiguração de sua área urbana. Esse processo tem sido impulsionado pela emergência de novos setores da economia, atreladas a uma determinada lógica de urbanização aliado ao processo de segregação. Em termos específicos, esta reconfiguração territorial diz respeito às recentes intervenções urbanísticas, ao planejamento ambiental e à modernização portuária que têm tido curso na região da orla que compõe o estuário da Baía do Guajará.

Segundo IBGE (2010) Belém possui uma área de aproximadamente 1 064,918 km com uma população de 1 425 923 habitantes sendo a capital mais populosa da região norte e a segunda capital com melhor qualidade de vida do Norte do País.

O Estado do Pará possui a maior proporção de população residente em aglomerados subnormais do País com uma taxa de 53,9 % (IBGE, 2010) e logicamente a maior concentração está na capital, Belém, com valores de 66%. Tal existência está relacionada à forte especulação imobiliária local, decorrente espraiamento territorial do tecido urbano, carência de infraestruturas as mais diversas e a periferização da população.

Segundo dados do IBGE (2010) uma das características dominantes de Belém é a grande extensão das áreas de aglomerado subnormal. As comunidades junto ao Rio Guamá (conforme Figura 1), próximas ao centro, originalmente sujeitas a inundações periódicas, são de ocupação mais antiga e consolidada, e se caracterizam por elevadas densidades, mas com existência de ruas e acesso às casas no interior de grandes quadras por becos e vielas. A área central é cercada ao norte e a leste por áreas institucionais (áreas militares, aeroporto). As ocupações mais recentes estão mais distantes, no norte do município, onde existem grandes ocupações formando um arco de aglomerados subnormais que estão conurbados com áreas similares no município vizinho de Ananindeua.

Figura 1: Censo Demográfico



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

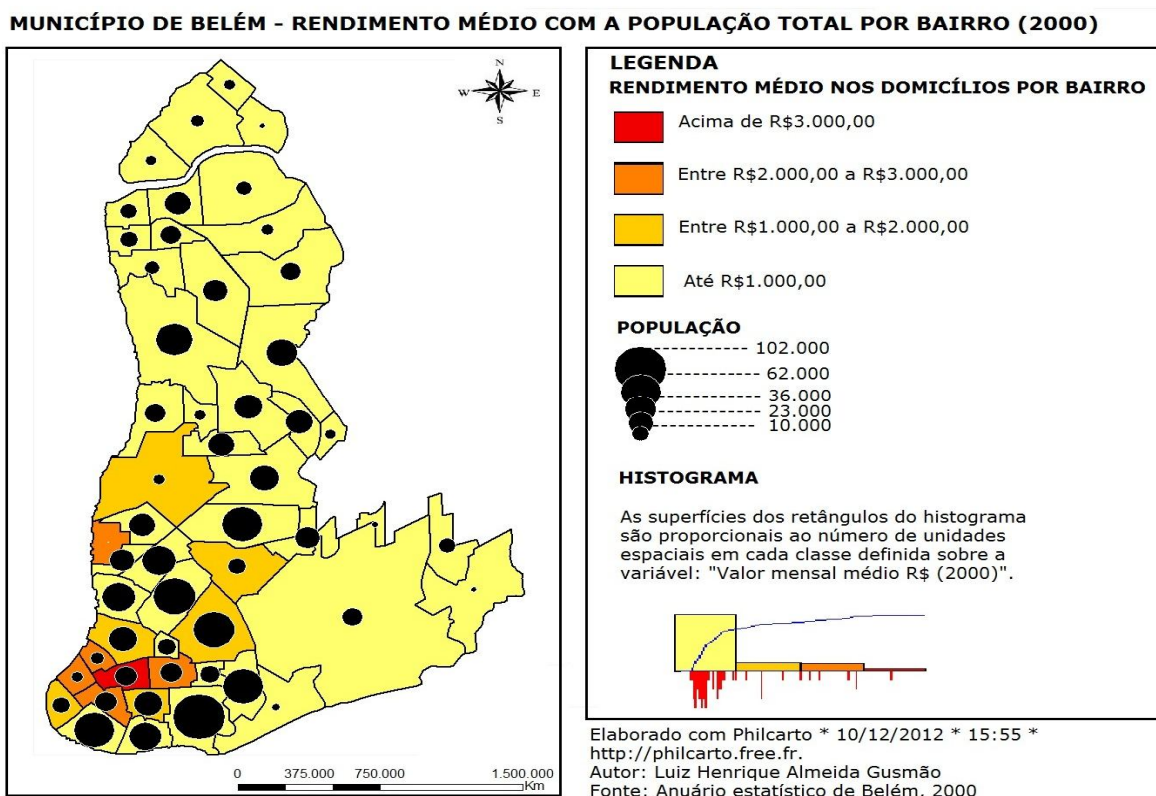
Fonte; IBGE, 2010

Belém pode ser caracterizada como uma extensa periferia precária, com agudas carências de infraestrutura e serviços urbanos. Conforme análise do “Índice de Bem-estar Urbano - IBEU Local” mostra que a Região Metropolitana de Belém apresentou o maior percentual dentre todas as regiões metropolitanas do país quanto à presença de domicílios em aglomerados subnormais.

Um elemento do fenômeno da habitação subnormal, ou precária, em Belém, é a associação entre pobreza urbana, risco de alagamento, insegurança na posse da terra, deficiência de infraestrutura e ocupação irregular do solo urbano. O sentimento de segurança alheia e a possibilidade de alagamentos são os maiores fatores de segregação espacial em Belém.

A localização situada em terras da área central e imediações do município de Belém, engloba seus bairros de melhor infraestrutura, com o parque imobiliário de melhor conservação e mais alto padrão construtivo e com maior disponibilidade de serviços, comércio e equipamentos públicos. Esta área reforça, portanto, a existência de uma centralidade forte em toda a Região Metropolitana, para a qual convergem a imobilização de capital, os empregos, os investimentos em infraestrutura, as agências bancárias e, desde a década passada, um processo lento de gentrificação, de elitização do padrão residencial da área central. Em linhas gerais, esta concentração de benefícios foi confirmada nas dimensões dos bairros como Nazaré, Umarizal, Batista Campos, Reduto, Cidade Velha, Campina e Marco/São Braz, com destaque para a fronteira entre Nazaré, Batista Campos, Umarizal e Reduto, conforme Figura 2.

Figura 2; Rendimento Médio Total por População Total por Bairro.



Fonte; Gusmão, 2013

As grandes metrópoles brasileiras, como Belém (PA), estão passando por um processo de crescimento urbano, sobretudo em decorrência do êxodo rural que, pela debilidade das

forças produtivas no campo, tem liberado nos últimos 50 anos, grandes contingentes populacionais em direção à capital do Estado. O fenômeno de “inchamento” da grande Belém tem originado o crescimento intenso de áreas de invasão e baixadas.

Ao considerar que as causas sociais da pobreza e violência urbana estão enraizadas nas relações econômicas desiguais da sociedade capitalista, Engels (1985), enfatizou que numa autêntica sociedade comunista do futuro, quando as necessidades econômicas estiverem supridas e eliminadas as desigualdades sociais, dar-se-ia o fim das contradições sociais entre o indivíduo e a sociedade, cortando-se a pobreza e a violência pela raiz.

É exatamente nas duas últimas décadas do século XX que o discurso sobre o medo da violência e do crime passa a fazer parte da vida social de muitos belemenses, com a intensa insegurança da atual era do medo, trazendo conseqüências como a legitimação das transformações das relações sociais para com os espaços públicos e estruturação de padrões de segregação espacial.

Tais padrões de segregação podem ser vistos claramente na cidade Belém, por exemplo, onde o discurso do medo acaba por servir de argumento motivador para as transformações na forma de ocupação dos espaços públicos, com o deslocamento das classes abastadas, com a redefinição de espaço público que vem reforçar a exclusão social, a discriminação, a estigmatização e um olhar cada vez mais diferenciado e negativo para as classes mais pobres e vulneráveis da sociedade belemense.

A estrutura que vem se configurando em Belém desde a década de 80, no século XXI, e alterando a vida na cidade e em sua região metropolitana é a criação de diversos espaços onde grupos sociais semelhantes encontram-se extremamente próximos, mas separados por muros e tecnologias de segurança, por barreiras físicas e sistemas de identificação e controle, que geram uma ausência de circulação ou interação em áreas comuns como classificado por CALDEIRA (2003: 211), o principal instrumento deste novo padrão de segregação espacial que surge nos anos 80 são os “enclaves fortificados” – espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho.

Em Belém, especificamente, os enclaves fortificados têm um caráter histórico, onde na metade do século XVII deram-se início ao surgimento de vilas, pequenas regiões com residências semelhantes e moradores mais próximos, segregados por tipo de atividade ou rendimento.

A consolidação de fronteiras vigiadas com a mais alta tecnologia, que buscam almejar a defesa da comunidade, que empregam seguranças armados para o controle da entrada, que promovem assaltantes à condição de inimigos e invasores, que compartimentam áreas públicas em enclaves defensáveis dotados de acesso seletivo, que promovem a separação em detrimento do lugar da vida em comum, todas essas são as principais dimensões da evolução da vida urbana contemporânea. (BAUMAN, 2001:111)

Assim os enclaves fortificados estão mudando as maneiras de viver, consumir, trabalhar e usufruir de um pouco de lazer das classes abastadas e, mais, cultivam um relacionamento de ruptura com o resto da cidade, gerando uma distância cada vez maior com o que se pode chamar de um modelo ideal de metrópole, de um espaço público moderno e democrático, o espaço das cidades modernas, com circulação livre, abertura de ruas, uso espontâneo de praças e ruas, e encontros espontâneos.

A procura intensa por moradia nessas “fortalezas de segurança” tem como fator principal a violência, entre as principais capitais brasileiras, Belém foi a que apresentou o maior índice de violência em 2010 e, na soma dos últimos 15 anos, a capital paraense apresentou aumento de quase 240%, o maior entre as capitais brasileiras. (USP,2010).

A exposição à violência também afeta as atitudes, os valores e as crenças em relação às causas e ao uso da violência, aumentando a possibilidade de que esta seja encarada como uma reação apropriada para uma situação, como aceitável para corrigir um erro ou para se proteger a honra, estimulando uma cultura da violência.

Na Região Norte, é o Pará que atua como líder do crescimento de óbitos por armas de fogo, quase quintuplicando o número de mortes por AF no período. Em menor escala, também os estados de Amapá e de Amazonas apresentam elevado crescimento: acima de 150%; conforme visualizado na Figura 3.

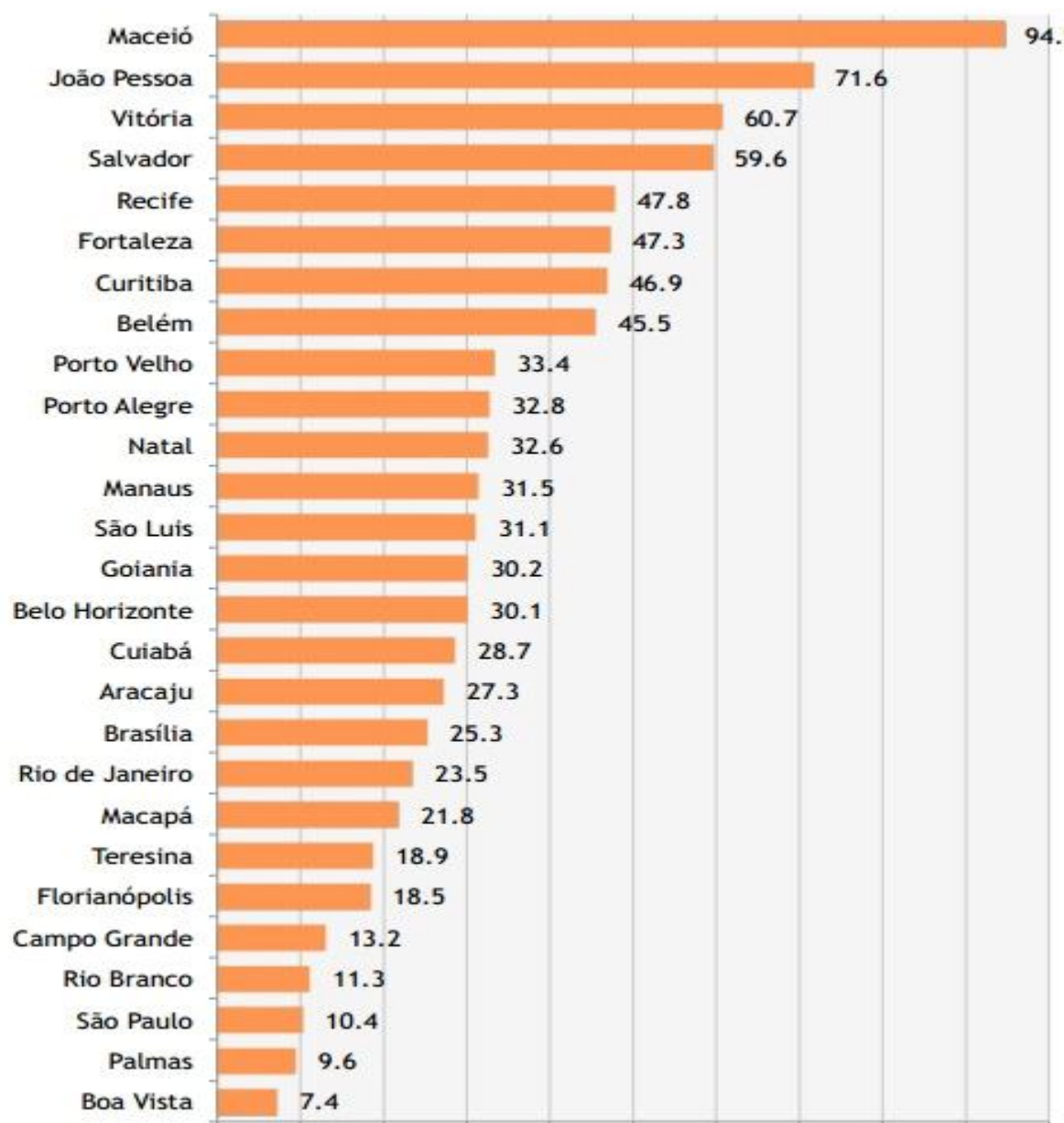
Figura 3: Número de óbitos na região Norte, Brasil, 2000- 2010

UF/REGIÃO	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Δ%
Acre	49	67	77	57	60	44	54	59	47	72	73	49,0
Amapá	41	50	53	79	77	56	77	66	70	69	106	158,5
Amazonas	263	223	218	200	255	285	390	434	475	592	660	151,0
Pará	526	625	741	909	1.028	1.253	1.396	1.490	2.058	2.144	2.622	398,5
Rondônia	303	416	409	409	370	408	410	341	305	367	368	21,5
Roraima	52	47	57	45	46	36	41	32	42	34	32	-38,5
Tocantins	123	168	105	144	119	100	114	100	115	145	145	17,9
Norte	1.357	1.596	1.660	1.843	1.955	2.182	2.482	2.522	3.112	3.423	4.006	195,2

Fonte: Mapa da violência, 2013, SIM/SVS/MS

As Figuras 3 e 4 expostas permitem verificar que várias capitais do país praticamente triplicam suas taxas de homicídios entre os anos 2000 e 2010, como Belém, Fortaleza, Maceió e São Luís, enquanto outras mais que duplicam seus índices: João Pessoa, Salvador, Curitiba e Florianópolis

Figura 4 ; Taxas de óbitos (em 100 mil hab) por AF nas capitais, Brasil 2010



Fonte: Mapa da violência, 2013, SIM/SVS/MS

Estes dados retratam a realidade criminal de Belém, sendo a 8ª capital que mais tem mortes por armas de fogo, fato este que impulsiona uma transferência de moradores da classe média e alta de bairros densamente povoados para bairros mais distantes em enclaves fortificados, buscando assim uma maior segurança e qualidade de vida.

CONCLUSÃO

O fenômeno da violência emergiu potencialmente como um problema na vida de muitos belemenses, sendo um dos maiores obstáculos enfrentados e está relacionado, em grande proporção as políticas públicas.

As ações violentas são um problema que está presente em todos os ambientes sociais. Na maioria das vezes, o drama vivido por Belém nos últimos anos não é produzido pelo inimigo que vem das baixadas e becos. O sentimento de temor e insegurança é contraditório, generalizado e alimentado pela engrenagem alucinante, que isola cidadãos de outros, enfraquece os laços do homem com a comunidade e fragmenta o ser humano. “Nunca se desenvolveu no Brasil a consciência do bem público, pelo fato de estarmos sempre, ao longo de nossa história, sob o império do interesse particular ou familiar.” (VIANNA apud RODRIGUEZ, 1997, p. 146)

As causas da violência são associadas, em grande parte, a problemas sociais. Entretanto, nem todos os tipos de criminalidade derivam das condições e poderes econômicos. A solução para a questão da violência em Belém, bem como o restante do Brasil está longe de encontrar um desfecho e envolve os mais diversos ramos sociais, há uma necessidade real na melhoria educacional no estado paraense, maiores e melhores condições de emprego, uma grande mudança nas políticas públicas de enfrentamento e solução de conflitos sociais, além de um judiciário eficiente.

REFERENCIAS.

BAUMAN, Zigmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001

CALDEIRA, Teres Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34 / Edusp, 2003.

ENGELS, Friedrich. A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra. São Paulo (SP): GLOBAL, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Enciclopédia dos

Municípios Brasileiros ,<http://www.ibge.gov.br> , 2010

VIANNA, Francisco José de Oliveira, Populações Meridionais no Brasil e Instituições Políticas Brasileiras, 1ª edição, Brasília, 1983

WASELFISZ, Julio Sacobo, Mapa da Violência, 2013, Mortes Matadas por armas de fogo, ,CEBELA, 2013.